

Catástrofes, testemunho e ativismo: um estudo sobre o sofrimento em pauta nas narrativas de Sumaúma¹

Júlia de Souza FONSECA²
Universidade Federal de Ouro Preto³

RESUMO

A Plataforma Sumaúma de Jornalismo desenvolve narrativas jornalísticas de teor testemunhal acionando os acontecimentos passados em território amazônico como pauta, revela as violentas consequências da cultura extrativista na região. O jornalismo de *Sumaúma* fomenta questionamentos acerca do potencial do recurso das subjetividades e do testemunho como meios de configuração do sofrimento nas narrativas jornalísticas, nosso problema de pesquisa. O objetivo aqui é promover uma Análise de Narrativa (Resende, 2021; Barretos, 2017) da reportagem “Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado” a partir de quatro operadores metodológicos: a memória (Ricoeur, 2007), o testemunho (Lage, 2013; Leal, 2022; Antunes, 2015) as subjetividades (Moraes, 2019) e a alteridade (Martino, 2016; Spivak, 2019). O reconhecimento do Outro e o uso da estética do sensível dilatam a dimensão emocional e aumentam “o caráter compartilhável da experiência” (Maia; Peres, 2023, p. 18) na narrativa, percepções obtidas com o desenvolvimento desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Sumaúma jornalismo; sofrimento; narrativas; testemunho; subjetividades.

INTRODUÇÃO

O jornalista experiencia diversas dimensões sensíveis, afetivas e subjetivas ao construir suas matérias e tem, nesta situação, a oportunidade de recorrer às suas próprias percepções, sentimentos e emoções para acolher as demandas da pauta e, assim,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Jornalísticas Contemporâneas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Mestrado do PPGCom da Universidade Federal de Ouro Preto, email: juliadesouzafonseca@gmail.com | julia.sf@aluno.ufop.edu.br

³ O presente trabalho foi realizado com financiamento da Fundação Universidade Federal de Ouro Preto e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

conduzir a sua apuração, construção e execução de forma a proporcionar visibilidade para as histórias contadas e “marcar essa subjetividade (e objetividade) jornalística a partir de uma leitura crítica da qual não podem escapar escolhas e apagamentos atravessados por questões de gênero, classe, raça, territórios” (Moraes, 2022, p.104). Em busca de (re)conhecer as potencialidades jornalísticas do contemporâneo (Eco, 2008, p. 13), nos debruçamos sobre o jornalismo de *Sumaúma*, que recorre à construção e execução de pauta e desenvolvimento de reportagens politizadas, de cunho social, questionadoras e de posição, chaves acionadas por meio de narrativas jornalísticas ampliadas e “pautadas pelo signo do subjetivo” (Peres, 2021), testemunhais e construídas sob o olhar sensível do repórter sobre o meio.

METODOLOGIA

Para tal investigação, acionamos a análise de narrativas como recurso metodológico para realizar o estudo do *corpus* de pesquisa selecionado, porque a narrativa pode ser visualizada como um meio para o conhecimento de si e do outro (Ricoeur, 2010) e aos conceitos de memória (Ricoeur, 2007), testemunho (Lage, 2013; Leal; Antunes, 2015) subjetividades (Moraes, 2019) e alteridade (Martino, 2016; Spivak, 2019) como operadores metodológicos por vislumbrá-los como ferramentas para a compreensão acerca do trabalho de *Sumaúma* e, ainda, por compreender que tais operadores se conectam aos temas-chave do sofrimento e da produção de sentidos e subjetividades nas narrativas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partilha de experiências sensíveis constitui um componente do testemunho no jornalismo, que, ao acionar esse teor em sua construção textual, desenvolve uma relação aprofundada e amplia as associações entre o assunto pautado, o texto e o público e, assim, estabelece uma conexão ainda mais intensa e legítima entre o leitor e a realidade narrada. Para que a composição de seus relatos seja fidedigna, visceral e profunda no que tange à realidade exposta, o jornalista pode recorrer a técnicas de construção textual e narrativa (Peres, 2021, p. 32 e 33) que possibilitem a expressão de sentimentos e emoções vivenciadas pelas fontes e que denunciem o abismo entre suas realidades e as noções do público-leitor sobre o que essas estariam passando. Tal lógica pode ser

considerada uma desobediência epistemológica em relação aos preceitos cientificistas e metodologias hegemônicas do jornalismo, por mobilizar o “privilégio dos afetos nas narrativas jornalísticas como salto para um outro jornalismo capaz de romper com a racionalidade cartesiana do narrar positivista” (Peres, 2021, p. 27) em detrimento de práticas orientadas pela objetividade e imparcialidade. A narrativa de *Sumaúma* em “Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado” aciona experiência e afetividade para dilatar os elementos humanizadores do relato que, mesmo carregado de componentes sensíveis, emocionais e subjetivos, continua mantendo o viés informativo e jornalístico (Peres; Maia, 2023). No entanto, tais componentes afetivos e sensíveis são apreendidos apenas por meio das interações e pontos de conexão experienciais que se manifestam no texto e nas vivências do leitor:

(...) o desenvolvimento dos aspectos afetivos seria fruto do aspecto perceptivo, uma vez que “a completude da experiência é apenas uma das dimensões constitutivas da experiência da completude” (BEARDSLEY, 1969, p.08), e que, por sua vez, se relaciona às construções sociais, culturais, políticas e econômicas específicas - um ambiente de recepção a partir do qual as interações se estabelecem. A partir do momento em que se manifestam expressivamente – seja no âmbito discursivo, corporal e/ou comportamental – a experiência torna-se um documento registrável (com longevidade) que pode ser empregado para revelar afetividades emergentes (Cardoso, 2016, p. 41).

A partilha, neste caso, acontece por meio de relações entre o que é comum às fontes, pauta, realidade e leitor:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (Rancière, 2009, p. 15).

Esses elementos sensíveis rompem o engessamento impessoal e objetivo da racionalidade jornalística estruturada sob uma lógica positivista e constituída sob a noção universal de sujeitos, contribuem para o dismantelamento de estruturas hegemônicas de poder narrativo e para a proposição de um pensamento e narrativas descolonizadas no jornalismo (Moraes; Silva, 2019), representando uma reviravolta sobre a epistemologia e a práxis jornalística e sendo um elemento constitutivo do

jornalismo de teor testemunhal. Muito além da partilha do real e sensível no que concerne à pauta e representação da realidade, o jornalismo que recorre às subjetividades e afetos também contribui para a descolonização dos fazeres (e saberes) na profissão e para a construção de uma narrativa ampliada, que coopere para “desestabilizar os modos redutores de representação perpetrados pela imprensa” (Moraes; Silva, 2019, p. 13) sobre determinados grupos minoritários.

O trabalho jornalístico compromissado com a transformação social acolhe os elementos e configurações dos afetos humanos em seus processos, reconhece o “que há de humano e relacional numa prática discursiva também tomada por subjetividades” (Maia; Peres, 2023, p. 2) e compreende que esses elementos não comprometem a objetividade. O acionamento das subjetividades não desconstrói o compromisso do jornalista com a epistemologia ou a *práxis* da profissão, mas sim “significa marcar essa subjetividade (e objetividade) jornalística a partir de uma leitura crítica na qual não podem escapar escolhas e apagamentos atravessados por questões de gênero, classe, raça, territórios” (Moraes, 2022, p.104). Recorrer às subjetividades é uma oportunidade de refinar o olhar e as perspectivas jornalísticas de modo a se conectar ainda mais com a realidade das fontes e do público, é traduzir as pessoas, suas necessidades e sofrimentos nas narrativas, conforme destaca Moraes:

A subjetividade a qual nos referimos nesse jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo e pelo racismo); na necessidade de olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na procura de fissurar representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular (Moraes, 2019, p. 209).

ANÁLISE

Usando a reportagem “Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado” como *corpus* de análise, compreendemos alguns dos elementos norteadores do trabalho jornalístico, da pauta à escrita, que atua na linha de frente da construção de uma abordagem representativa, criteriosa, aprofundada, que corresponde às necessidades e demandas contemporâneas, que valorize recursos do emocional,

estético, artístico e subjetivo em seu trabalho por acreditar que é possível desenvolver grandes reportagens, criticamente apuradas e testemunhais, sem ultrapassar e pular etapas, com diálogo com as fontes e os personagens envolvidos, que busque trazer um impacto social positivo, representando uma inovação do próprio trabalho jornalístico e um contraponto ao jornalismo que contribui para a manutenção do mal-estar da civilização, e que também tenha potencial para ser um registro de uma historicidade do tempo presente em contraponto à modernidade e racionalidade cartesianas (Medina, 2003).

CONCLUSÃO

Esta pesquisa sobre a Plataforma Sumaúma revela a importância do acionamento das subjetividades, afetos e alteridade na construção das narrativas jornalísticas. Este estudo destaca como essas dimensões são fundamentais para a produção de reportagens profundas, humanizadoras e capazes de dar visibilidade às histórias e realidades marginalizadas pela mídia hegemônica. O jornalismo de Sumaúma, ao incorporar elementos sensíveis e emocionais, desafia as práticas tradicionais objetivas e neutras, propondo um modelo que valoriza o impacto social e a conexão com o leitor.

As reportagens de Sumaúma, exemplificadas pela análise da matéria “Juarez Transamazônico, o ‘bebê do futuro’, busca seu passado”, demonstram como a inclusão de testemunhos e experiências pessoais enriquecem a narrativa, promovendo uma maior empatia e compreensão do público. Esta abordagem permite um jornalismo mais inclusivo e representativo, que acolhe e amplifica as vozes das minorias e dos povos originários, contribuindo para a descolonização das práticas jornalísticas. Em síntese, a pesquisa evidencia que o jornalismo que integra subjetividades e alteridades não compromete a objetividade, mas, ao contrário, expande sua capacidade de abordar a realidade de maneira crítica e engajada. O trabalho da Sumaúma mostra-se essencial para a construção de uma memória histórica coletiva que valoriza a diversidade e a complexidade das experiências humanas, reafirmando o papel transformador do jornalismo contemporâneo na sociedade.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, F. J. **Uma matriz comunicacional da sensibilidade**. In: MENDONÇA, C. M.; DUARTE, E.; FILHO, J. C. (org.). *Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2016. p.78-98.

ECO, U. **A escolha do tema.** In: ECO, Umberto. Como se faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 1993, 10a ed., p.07-34.

MAIA, M. R., PERES, A. C. **JORNALISMO DE TEOR TESTEMUNHAL:** contribuições para um diálogo possível entre a pauta e a narrativa. Anais do 32.o Encontro Anual da COMPOS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação). Vol 32, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/jornalismo-de-teor-testemunhal-c-ontribuicoes-para-um-dialogo-possivel-entre-a-pa?lang=pt-br>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

MARTINO, L. M. S. **De um eu ao outro:** narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. Parágrafo, v. 4, p. 41-49, 2016.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MORAES, F. (2019). **Subjetividade:** ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Revista Extraprensa, 12(2), 204-219.
<https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>

_____. **A pauta é uma arma de combate.** Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, F.; SILVA, M. V.. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero:** a subjetividade como estratégia descolonizadora. Porto Alegre: XXVIII Anais Compós, 2019.

PERES, A. C.. **Jornalismo:** testemunha lacunar da história. Estudos em Jornalismo e Mídia v.18, n.1, jan./jun. 2021. <http://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e77158>

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível:** estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005. p. 7-26

RICOEUR, P.. **Tempo e narrativa:** A intriga e a narrativa histórica. Vol. 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SPIVAK, G.. **Quem reivindica alteridade?** In: HOLLANDA, Heloisa. B. de (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 251-268.